

Publica-se nos dias  
1 e 15 de cada mês

# A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXIV

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

N.º 724

Propriedade de: Rev.º Padre António Inglez e Alberto Teixeira Forte  
Composto e impresso na Tipografia Figueirense

Director Padre António Inglez  
Editor Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Bairro Teófilo Braga  
Figueiró dos Vinhos

## Com quem contamos

### Ainda o Clero.

Meus colegas, nós padres somos uma força.

Unidos, como estamos, sere-mos um triunfo.

Escrevemos assim no passado número.

Não tem nada de extraordiná-rio o que vou escrever agora.

Afeito a dizer a verdade, na Igreja e cá fora na sociedade, amo a claridade, a aurora nascente, como o sol no crepúsculo, esperançoso do amanhecer do outro dia.

Não sendo natural desta terra, amo a contudo e defendo-a, como se aqui nascesse e desejo em volta de mim os crentes da minha Fé, todos os de boa vontade, os que de mim se aproximam todos os dias, para em harmonia e união, trabalharmos pela continuação do caminhar progressivo de Figueiró dos Vinhos, que encetámos, acompanhámos e se viuha realizando há vinte e tantos anos...

E conto com o clero dedicado sobretudo o deste concelho.

Nós padres vivemos a nossa Fé, rezamos e celebramos Missa.

E é de Deus que recebemos a força indomável de nos sacrificarmos, dirigindo as almas.

E se é certo que o céu é a herança de todos nós, temos de encaminhar as almas, em todos actos da vida, neste triste peregrinar, para o conseguir.

Temos uma dupla missão: a espiritual e a terrena.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

Legítima a nossa posição.

azul e branca depois, verde e vermelha agora, é sempre a bandeira da nossa Pátria.

E' bom padre e bom amigo.

Conto com ele.

Padre Manuel Luís Natural da vizinha freguesia da Graça é o digníssimo Prior de Campelo.

Humilde e disciplinado. Um tesouro de belíssimos sentimentos. Uma formosa alma.

Trabalhador infatigável, de porte irreprensível e de costumes virtuosos.

Pelo seu múnus, muitas vezes, todas as semanas, deixa o seu presbitério e eilo a deshoras subindo aquela serra caiva e fortuosa, tendo por vezes apenas a companhia dos lobos, até às paragens da Serrinha, para os lados de Miranda levando às almas simples e boas o conforto da sua Fé.

Campelo, a sua freguesia, é a terra natal dos saudosos e ainda não igualados na nossa terra, dr. José Martinho Simões e dr. Manuel Simões Barreiros.

O pároco de Campelo não o esqueceu.

E chorou naquela tarde quando soube que havia em Figueiró dos Vinhos quem, companheiro deles, desejava levantar a bandeira por eles desfraldada, então caída, e prosseguir pelo caminho por eles iniciado e seguido até à morte.

E colocou se a meu lado.

Padre José Rodrigues Paiva.

E' nosso irmão. Teve o seu berço, no lugar do Casal da Fonte, ali na Bairrada.

Baptizado por mim na Igreja desta Vila, de certa maneira o encaminhei nos seus estudos e dirigi os seus ensinamentos, para a vida prática. Aqui cantou a sua primeira Missa.

Sempre disciplinado e muito leal, o falecido Prelado de Coimbra, teve sempre por ele muita admiração. Parece-me escutar ainda as palavras do Venerando Bispo, ditas no seu leito, pouco tempo antes de morrer: «olhe que o seu padre Paiva é muito sensato, muito prudente; gosto muito dele; tive sempre nele as melhores esperanças.»

E' um moço levita, que honra a nossa terra.

Pelas freguesias que parouquiu, aliciou dedicações, deixou simpatias.

Pároco agora de Aguda, quando passa nos lugares da freguesia é saudado com um cortejo de sorrisos.

Abriu uma escola nocturna, chamou para ela os analfabetos e administra instrução a dezenas de adultos.

Tem a aureolar-lhe a fronte, uma vida sã e ilibada.

Critério alto, postura evangélica.

Entusiasma-mo os grandes ideais; quer ser legionário.

Dedicado a todas as causas do bem.

E' dos que está connosco.

E todos, eu e eles:

Amando as almas, destruindo os erros.

Padre António Inglez

### Amilcar Ferreira Agria

Honra-nos com a sua colaboração neste número, o nosso prezado amigo Amilcar Agria, que natural desta terra é aluado de uma das Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra.

Descendente de conhecida e estimada família de Figueiró dos Vinhos, ele, como bom figueirense que é, também espontaneamente vem concorrer desta forma na luta pelo progresso e engrandecimento do nosso concelho.

As sugestões que nos apresenta no seu artigo são realmente eloquente expressão do seu ardente desejo de que Figueiró não pare.

Para este querido amigo vão os nossos melhores agradecimentos.

## A NOSSA TERRA e os Bombeiros

Figueiró, habituado desde há anos a uma marcha progressiva pouco vulgar em vilas da sua natureza—pequenas dimensões e limitados recursos económicos—, considerada a mais bela estância de turismo do norte do Distrito de Leiria, não só tem direito a uma corporação de bombeiros mas dela absoluta necessidade. A sua urgente organização impõe-se como um melhoramento de capital importância.

Se concelhos menos desenvolvidos e com maiores difficulda-

des, estão armados contra esses dolorosos sinistros que por vezes atormentam e alvoraçam as suas populações, e de que resultam graves consequências, o nosso também o pode e deve estar.

Quando em Figueiró se manifesta qualquer incêndio e as chamas ameaçam a destruição dum prédio e dos que lhe são contíguos, levanta-se logo, como é natural, grande pânico, e todos os populares (nas nossas pequenas vilas todos somos bombeiros voluntários...) acorrem da melhor vontade, procurando atacar e vencer o fogo, frequentemente com sérios riscos. Há boa vontade mas falta preparação técnica e só aquela não chega... E durante os primeiros dias e semanas após o incêndio, não se fala noutra coisa! Lamentam-se os efeitos produzidos e chora-se muitas vezes a triste e precária situação em que ficam as vítimas dos bens destruídos e reduzidos a cinzas.

Reclama-se então, com veemência, uma Associação de bombeiros e surge imediatamente em todos, uma exaltação de ânimos para levar a efeito e tornar realidade viva, tão prestimosa Associação.

Mas... é sol de pouca dural! Os dias vão passando, o entusiasmo vai decaindo e a feliz ideia... vai também passando ao domínio do esquecimento!

A nossa Câmara, assim como todos os Municípios com poucos rendimentos, tem já por si, um largo campo de acção e empreendimentos a realizar; não está certo, por conseguinte, que se lhe exija a satisfação de todas as necessidades que, como esta, considero mais urgentes.

E' necessário, ao lado das realizações municipais, haver a iniciativa particular dos bons figueirense. Desde que ela surja, será—disso estou absolutamente crente—acolhida com verdadeiro agrado e geral simpatia.

E então a Câmara—tenho essa sincera convicção—há-de ser a melhor e a mais dedicada colaboradora de tão vantajosa como nobre instituição.

Figueiró com todas as suas freguesias — aonde chegaria em caso de necessidade a acção dos bombeiros — possui já uma considerável população, toda ela apaixonada pelo engrandecimento cada vez maior do seu concelho.

Não seria talvez difícil conseguir-se um elevado número de associados que — embora com uma cota mínima mensal ou anual — concorreriam para, primeiro criar e depois desenvolver, uma pequena corporação de bombeiros voluntários.

Aqui fica o alvitre dum humilde mas dedicado figueirense, a quem—embora alheado às paixões políticas locais, por vezes bem mesquinhas... não é indiferente o progresso da sua querida terra.

Oxalá ele seja secundado e faça eco.

Coimbra, Janeiro de 1949.

Amilcar Ferreira Agria

## Em quem votamos

Aproxima-se o dia 13 do corrente, dia em que a Nação, após demorado exame de consciência se pronunciará sobre qual dos dois candidatos a presidência da República, deve optar.

Atravessamos uma época da vida da Nação, em que a todo o bom português se impõe o dever, a obrigação imperativa de marcar a sua presença no acto eleitoral.

Há, mais do que nunca, o abstencionismo do eleitorado, é implacavelmente condenável.

Não votar, só pode ter uma de duas explicações: comodismo doentio ou cobardia repugnante.

Não sejamos pois, nem comodistas, nem cobardes.

No próximo dia 13, vamos exercer esse indeclinável direito, que se nos apresenta também como um dever a cumprir.

Vamos votar no senhor Marechal Carmona, essa figura Veneranda, exemplo de virtudes, o patriota, que com o seu exército arrancou a Pátria da agonia, em que se encontrava em 1926; votemos nesse nacionalista, que é bem o panhor da continuidade da obra de ressurgimento nacional, da paz, de grandezza, que miraculosamente, em Portugal, se realizou nos últimos vinte e dois anos.

Nós queremos que essa obra, que sob todos os aspectos é palpável, e, honestamente, todos têm que reconhecer, continue no seu desenvolvimento e aperfeiçoando-se naquilo em que, praticamente se mostre dafeituosa.

Este problema da continuidade e aperfeiçoamento, no qual entendemos residir o verdadeiro interesse nacional, só pôde resolver-se com a reeleição de Carmona.

Do outro lado, na opposição, clama-se desde o início da propaganda eleitoral: «uma vez no poder o nosso objectivo—(deles opposicionistas) é derrubar a Constituição e o Regime.»

Esta afirmação é, em si repleta pela ideia iconoclasta que encerra,

E porque a opposição, depois dessa ideia de destruição, e em concreto, nada nos indica realizar, con-

### Director Escolar

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila na passada semana o ex<sup>mo</sup> sr. Carlos Mendes Alves distintíssimo Director Escolar do nosso distrito que aqui se deslocou em serviço oficial.

frange-nos por nós convencer de que aquele objectivo é o primeiro e único que ela tem em vista.

A nossa posição, a posição de todo o bom nacionalista quanto ao acto eleitoral está definida de há muito: votar em Carmona, votar no Governo, no regime de Salazar, pois que é o único que nos garante a defesa do Bem Comum,—o verdadeiro interesse Nacional—.

O momento aconselha, impõe mesmo que se ponham de parte todas as divergências, que porventura existam entre nacionalistas, divergências que, ou por razões de ordem pessoal ou local, estão aquém do interesse que, actualmente está em jogo—o interesse da Nação.

E' a Pátria que parece tentarem atacar e por isso, unamo-nos—os que vêem nela uma realidade indestrutível—e defendamo-la, sacrificando a própria vida se tal for necessário.

Ponhamos a cima de todas as divergências, a doutrina que defendemos, a verdadeira doutrina — a doutrina de Salazar.

Sacrifiquemos o interesse pessoal, o amor próprio até, e olhemos atenta e exclusivamente a doutrina, o Regime, que está em jogo.

Só assim poremos em evidência o carácter que integra a nossa formação política.

O caminho, é pois um só: VOTAR NO REGIME DE SALAZAR.

Votemos, pois, no Senhor Marechal Carmona.

A Redacção

### Lar em festa

Encontra-se de parabéns o casal dr. Arrobo Correia, distinto médico veterinário neste concelho e ex<sup>ma</sup> esposa D. Maria Stela Lopes Arrobo Correia pelo nascimento do seu primogénito, uma robusta criança do sexo masculino.

As nossas felicitações.

### João Augusto Mendes

Profundamente sensibilizado, vem agradecer publicamente, na impossibilidade de o fazer por outro meio a todas as pessoas amigas e tantas foram elas, que desde o início da sua doença se têm interessado e feito votos pelas melhoras que felizmente vem sentindo.

A este sincero agradecimento se associam sua esposa e filho que a todos ficam muito e muito gratos.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura



# A Teoria Política do Estado Novo Garante

## A Reeleição do Senhor MARECHAL CARMONA

A Nação, reelegendo, no próximo dia 13, o Senhor Marechal Carmona para o alto cargo da Presidência da República demonstra uma consciência colectiva que merece alguns oportunos comentários.

Os tempos que correm criaram uma tal atmosfera de dúvidas que agravar isso com novos problemas de imprevistas soluções apresentasse como atitude condenável. E o País prefere—disso estamos certos—as certezas às dúvidas e reconduzirá por isso o Chefe do Estado. Mas tal atitude de claro e unânime apoio não pressupõe comodismo ou desconhecimento da situação. Pelo contrário, exige que todos saibam porque votam, quais os motivos determinantes e os fins a alcançar. Trata-se, é certo, de uma recapitulação de argumentos, de relembrar razões já expostas ao País, mas isso não impede que se venha a público, marcando a verdade de uma política para a qual não basta apregoar estribalhos comiceiros, mas interessa, sobretudo, definir ideias, vincar a teoria política do Estado Novo, que o Senhor Marechal Carmona tão altamente simboliza.

Ora para aferir o valor dessa teoria e marcar os seus fundamentos e linha de evolução, só através dos textos legais e das declarações autorizadas. Neste caso, limitámo-nos às disposições fundamentais—«Constituição», «Acto Colonial», e «Estatuto do Trabalho Nacional»,—e aos discursos do Presidente do Conselho, Salazar, o mais directo colaborador do Presidente da República e o mais qualificado doutrinador do regime.

A Nação conhece perfeitamente a ordem legal em que vive: respeitadora de direitos e liberdades, equitativa garantia daquela independência e aspirações que formam o traço dominante da comunidade nacional. Quanto aos discursos de Salazar, constituem verdadeiro orgulho para todos os portugueses, situacionistas ou não, porque através deles se revela um pensamento político que operou uma verdadeira ressurreição nacional e porque traduzem, tanto no plano político interno, como no plano internacional, a revelação de um génio que constitui um indiscutível exemplo a seguir.

O chamado homem médio que forma a grande massa do eleitorado, alheio talvez à equação dos problemas políticos mas altamente interessado na sua resolução pode ver, através destas ligeiras anotações, como o Estado Novo estuda e resolve esses problemas e confrontar o sistema com os vagos apelos a uma desconhecida «liber-

dade», com que a Oposição lhe acena. Melhor: Aos homens de meia idade será fácil comparar o que temos e o que viria se o Senhor Marechal Carmona, não fosse reeleito,—o regresso puro e simples às tropelias, ao caciquismo, à degradante política anterior ao 28 de Maio; e embora isso seja mera hipótese, que ela sirva para cimentar a volta do candidato da União Nacional todos os portugueses.

A Constituição trata na primeira parte, das garantias fundamentais da Nação e depois de marcar os limites de Portugal no mundo, refere no artigo 4.º que «a Nação Portuguesa constitui um Estado independente, cuja soberania só reconhece como limites, na ordem interna, a moral e o direito». Este é um traço especial a assinalar, pois a Nação aprecia os valores morais e jurídicos como guias da sua vida. No capítulo das garantias dos cidadãos enumera, no artigo 8.º, os direitos e liberdades, com o inovador direito ao trabalho e a função social deste. Tratando das garantias da família assinala a Constituição no artigo 12.º: «O Estado assegura a constituição e defesa da família, como fonte de conservação e desenvolvimento da raça», como base primária da educação, da disciplina e harmonia social e como fundamento da ordem política e administrativa, pela sua agregação e representação na freguesia e no município». Se acrescentarmos a estes preceitos sobre o valor e função da família no Estado Novo a celebração da Concordata com a Santa Sé, teremos o quadro real do valor da família cristã como fulcro duma política de largo alcance nacional.

«A opinião pública é elemento fundamental da política e administração do País, incumbindo ao Estado defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a boa administração e o bem comum». Atente-se nestas palavras e ver-se-á a sua moralidade política.

No artigo 24.º, tratando da ordem administrativa, a Constituição afirma, «os funcionários públicos estão ao serviço da colectividade e não de qualquer partido...» e que demonstra a preocupação de servir o interesse nacional e eliminar os compadrios tão correntes antes de 1926.

A ordem económica e social é objectivo do título oitavo e aí se define todo o objectivo a alcançar com vistas largas: «a organização económica da Nação deverá realizar o máximo de produção e riqueza socialmente útil, e estabelecer uma vida colectiva de que resultem poderio para o Estado e justiça para os cidadãos».

Depois trata da educação, ensino e cultura nacional e considera que «a educação e instrução são obrigatórias», acrescentando que devem ser orientadas pelo Estado de acordo com a doutrina e moral cristã.

O Artigo 45.º assegura a liberdade de culto e organização de religião; e no art.º 63.º fixam-se as regras de boa administração financeira—cujos êxitos não precisam de comentários.

A parte segunda da Constituição trata da organização política do Estado, dizendo no art.º 71.º que «a soberania reside na Nação e tem por órgãos o Chefe do Estado, a Assembleia Nacional, o Governo e os Tribunais».

Ao Presidente da República competem as mais amplas atribuições (Art.º 81.º): «nomear o Presidente

do Conselho e os Ministros, de entre os cidadãos portugueses, e demiti-los»; «dar à Assembleia Nacional poderes constituintes»; «dissolver a Assembleia Nacional»; «representar a Nação e dirigir a política externa do Estado»; «promulgar e fazer publicar as leis», etc.

O art.º 82.º preceitua que «junto do Presidente da República funciona o Conselho de Estado».

A Assembleia Nacional tem, en-

le; e nos artigos seguintes esquemmatiza-se essa unidade quanto às pessoas, à soberania, aos interesses económicos, etc..

Os traços gerais da política indígena e económica são também definidos no Acto Colonial.

O Estatuto do Trabalho Nacional, publicado, também como aquelas dois diplomas fundamentais em 1933, representa uma síntese legal e bastilar da doutrina económica e social

a o Acto Colonial como o Estatuto do Trabalho Nacional visam a dignificação de Portugal e dos portugueses. Ora é bom ter presente que todos esses diplomas e leis avulsas que se lhe seguiram vieram à luz da realidade sob a égida do Presidente Carmona.

Afirmou Salazar quando da reeleição presidencial de 1942, a propósito do que se fez:

«Como obra de conjunto, das finanças, da administração, da economia à moral, da saúde do corpo à inteligência, da riqueza material à cultura, do indivíduo à colectividade, do agregado local à região, à Nação, ao Império; como obra de conjunto, dizia, como trabalho de reconstituição e reaportuguesamento, de valorização colectiva, de impulso criador sistematizado, ordenado à maior coesão, força e prosperidade da grei; como ideia e realização, se esta obra causa orgulho aos portugueses, podemos dizer que o Chefe do Estado tem nela sobrados motivos para a sua glória.»

E, na mesma altura, Salazar sintetizou desta forma os resultados políticos:

«Estab. lizou-se a fórmula política; constitucionalizou-se a Revolução. A ordem, a harmonia, a tranquilidade geral são indicador seguro de que os indivíduos e grupos sociais se congraçaram em a Nação e que o Estado Corporativo promove o interesse desta e garante eficazmente os direitos daqueles. Desta ordem, desta unidade uma nova consciência se formou, unitária, viril; o patriotismo passou a ser conceito activo e a dedicação pelo bem comum sentimento generalizado. Surgiu uma nova concepção de Império; tem-se vivido uma ideia imperial: quando o Chefe do Estado realizou as suas viagens verdadeiramente triunfais às ilhas atlânticas e aos domínios de além-mar pôde sentir como vibravam, sobre o fundo de um passado de glórias, as palpitações frementes da nova alma de Portugal e do seu Império.»

Mais haveris, muito mais, a dizer. Mas tudo o que não cabe num pequeno comentário, há-de afirmá-lo a Nação, ao meditar na teoria e na obra do Estado Novo e ao releger, no próximo dia 13, o Senhor Marechal Carmona.



—«Queremos a liberdade imprensa!»—gritam os opositoristas e o Sr. General Norton de Matos. Aqui está um exemplo muito significativo do que eles entendem por tal liberdade. Quando os partidos democráticos ou que, pelo menos, se diziam tal, governavam o Povo Português, a liberdade de imprensa era só concedida ao partido governante. Os outros suportavam toda a gama de vexames que ia até à total destruição. Querera o Povo Português esta liberdade? Não, não quer. A sociedade não pode viver sem ordem nem autoridade. Estas são garantidas pelo Estado Corporativo Português.

tre outras, as seguintes atribuições: «fazer leis, interpretá-las, suspendê-las e revogá-las»; «vigiar pelo cumprimento da Constituição e das leis e apreciar os actos do Governo ou da Administração»; «aprovar as contas respeitantes a cada ano», «autorizar o Governo, até 15 de Dezembro de cada ano, a cobrar as receitas do Estado e a pagar as despesas públicas na gerência futura», etc.

A Câmara Corporativa, inovação das mais curiosas do Estado Novo, é composta de representantes das autarquias locais e dos interesses sociais e morais, competindo-lhe «relatar e dar parecer sobre todas as propostas ou projectos de lei e sobre todas as convenções ou tratados internacionais que forem presentes à Assembleia Nacional, antes de começar nesta a discussão». Trata-se, pois, dum organismo técnico consultivo cujos trabalhos têm o maior interesse científico e político.

Tratando do Governo nos art.º 107.º e seguintes, diz a Constituição que «O Presidente do Conselho responde perante o Presidente da República pela política geral do Governo e coordena e dirige a actividade de todos os Ministros, que perante ele respondem politicamente pelos seus actos».

Em seguida o mesmo diploma trata dos tribunais, das circunscrições políticas e administrativas e das autarquias locais e do Império Colonial Português, considerando matéria constitucional as disposições do Acto Colonial. Neste texto fundamental se diz que «é da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendem, exercendo também a influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente.»

Evidência-se neste enunciado a política de missão colonizadora de Portugal.

No artigo 5.º afirma-se o princípio da unidade: «o Império Colonial Português é solidário nas suas partes componentes e com a metrópo-

do Estado Novo — é o seu Estatuto Corporativo. Considera solidários os elementos económicos, preconiza a posição de árbitro ao Estado quando hoiver interesses em jogo, estimula a iniciativa privada, a hierarquia corporativa e a paz social, define a utilidade social e nacional da riqueza e a função social da propriedade do capital e do trabalho, regula o salário estabelecendo os salários mínimos, as condições de trabalho, o emprego, o descanso, as férias, o trabalho de menores e mulheres, estabelece os princípios reguladores quanto a habitações económicas, previdência, etc, cuja realização geral representa hoje uma obra imensa.

Em resumo: tanto a Constituição



No seu Palácio de Belém com alguns indígenas da Guiné que vieram à Metrópole por ocasião da Exposição Industrial, realizada em 1932

### O homem que apoiamos

A figura do Senhor Marechal Oscar Carmona levanta-se no horizonte português como símbolo e garantia da Revolução Nacional. Símbolo do passado, garantia do futuro. Se é certo que o período eleitoral que decorre constitui um debate entre dois sistemas, para além do plano das ideias, também importa conhecer os homens porque a bondade e a eficácia das mesmas dependem dos homens que as executam, neste caso do Presidente da República. Por isso nós votamos em Carmona.



Ao embarcar para uma das suas visitas a África, o Senhor Marechal Carmona despede-se do Senhor Presidente do Conselho



## FUTEBOL

Associação Desportiva de Figueiró dos Vinhos—2  
Sporting Clube de Pombal—2

No dia 9 do corrente deslocou-se a esta vila o Sporting Clube de Pombal que num encontro animado conseguiu um empate a duas bolas com a Associação Desportiva local. A arbitragem da 1.ª parte a cargo do sr. Nogueira foi simplesmente parcial e incorrecta, Manuel Rosa arbitrou na 2.ª imparcialmente e a contento. Os golos locais foram obtidos por Ferreira e J. Manuel.

A Associação Desportiva alinhou: Brito, Antero e Fernando, Barreiros, Medeiros e Silva; Lima, Herdade, Ferreira, J. Manuel e Graça (2.ª parte Acácio).

Sporting Clube de Pombal—1  
Associação Desportiva de Figueiró dos Vinhos—2

Quinze dias depois a Associação Desportiva desloca-se a Pombal onde num encontro animado ganhou brilhantemente ao Sporting local.

A 1.ª parte terminou com a Associação a ganhar por 1-0, num golo lindo de Acácio. Na 2.ª parte os figueiroenses apesar de terem exercido domínio apenas conseguiram um golo de A. Teixeira II e consentiu um do adversário, em posição nitida de deslocação pelo seu avançado centro distinguiram-se entre os figueiroenses: Barreiros, Fernando, Silva, Medeiros, A. Teixeira II, Acácio e a grande altura Herdade que alinhou no seu lugar.

A Associação Desportiva de Figueiró dos Vinhos alinhou: Barreiros; Antero e Herdade; Fernando, Silva e Medeiros, Lima, Brito (Ferreira), Ferreira (Graça), A. Teixeira II e Acácio.

A arbitragem correcta na 1.ª parte e parcial na 2.ª.  
J. Rodrigues

## Casa de Pedrogão Grande

No pretérito dia 28 de Dezembro, realizou-se a assembleia geral desta colectividade regionalista afim de eleger os corpos directivos para o ano de 1949.

Em resultado da votação, a que concorreram muitos associados e que foi presidida pelo sr. Augusto Nunes de Azevedo, foram eleitos os indivíduos cujos nomes a seguir se indicam.

A sessão decorreu no meio do maior entusiasmo e apiação à acção genuinamente regionalista que esta Casa está exercendo, acção essa que foi largamente referida num discurso pelo sr. Eduardo Garrido Roldão, que acentuou o amparo que a instituição vem dispensando aos pobres, através da «Sopa», aos enfermos por meio do Nucleo dos Amigos do Hospital, e às crianças, com a oferta de material e livros escolares.

### Lista dos Corpos directivos para 1949

**Comissão Executiva**  
Presidente, dr. José Simões Leitão; Vice-Presidente, Cesário Antunes Pinto; 1.º Secretário, José David Borges Roldão; 2.º Secretário, Casimiro Pedro de Matos; Tesoureiro, Daniel Alves Nogueira; 1.º Vogal, João Fernandes David; 2.º José David Fernando; Suplentes: António Lourenço Tavares, Manuel Tomaz, Manuel Bernardo da Silva, José Alves, Benjamin Jorge da Carvalho.

**Conselho Fiscal**  
Presidente, Eduardo Garrido Roldão; R-lactor, Humberto Lopes Matias; Secretário, António Coelho da Silva; Suplentes, António Diniz; José Lourenço Tavares, Aires Alves Cortês.

**Mesa da Assembleia Geral**  
Presidente, Augusto Nunes de Azevedo; Vice-Presidente, Manuel Simões Pereira; 1.º Secretário, António Domingos Costa; 2.º Secretário, José Dias Correia; Suplente, João David Borges Roldão.

**Junta Consultiva**  
Adolfo Pires Coelho David, dr. Alberto d'Assis Camilo, Alberto Tomaz Barreto, Alexandre Nunes Sequeira, Anibal Simões Ferrugem, António Pedro das Neves, dr. António Simões Leitão, António Simões Rosa, Carlos Oliveira Pinho, Daniel Nogueira Martins, David Pinto da Gama, Januário Henriques Pais, José Coutinho da Silva, José Henriques, José Luiz Simões, Júlio Antunes Pinto, Manuel Baeta Neves, Manuel Bernardo Antunes Pinto, Manuel Nunes Correia e Marcelino Nunes Correia.

## Festa de Nossa Senhora dos Remédios

Como é tradicional realiza-se esta festa na sua capelinha, próximo desta vila amanhã, 2 do corrente.

Imagem das mais veneradas destas redondezas é de crer que tenha grande luzimento e muita concorrência de forasteiros.

## Casa da Comarca de FIGUEIRO' DOS VINHOS

Reuniu-se no dia 18 de Janeiro sob a presidência do sr. Antero de Carvalho a assembleia geral da Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, que elegeram os seus corpos gerentes.

A direcção ficou constituída pelos srs. Mário Diniz Ferreira Bertolim Simões da Silva, Augusto Gomes da Costa, Adolfo Albuquerque Sequeira, Alvaro Francisco dos Reis e Francisco Barata.

## Arrenda-se

Casa de habitação na Rua Dr. Manuel Simões Barreiros desta vila.  
Tratar com Carlos Santos Figueiró dos Vinhos.

# Carreira de passageiros entre FIGUEIRO' DOS VINHOS E COIMBRA

Concessionário: Companhia de Viação de Sernache, L.<sup>da</sup>  
CERNACHE DO BONJARDIM

|   | B     |       | A     |       |   | C     |       | B     |       |
|---|-------|-------|-------|-------|---|-------|-------|-------|-------|
|   | cheg. | part. | cheg. | part. |   | cheg. | part. | cheg. | part. |
| Figueiró dos Vinhos (Praça José Malhoa) | —     | 8,00  | —     | 14,25 | Coimbra (R. da Sofia, 102)              | —     | 12,00 | —     | 17,20 |
| Pontão                                  | 8,35  | 8,35  | 15,00 | 15,00 | Coimbra (Estação Nova)                  | 12,05 | 12,10 | —     | 17,30 |
| Tojeira                                 | 8,38  | 8,38  | 15,03 | 15,04 | Portela do Gato                         | 12,30 | 12,30 | 17,25 | 17,50 |
| Avelar                                  | 8,40  | 8,41  | 15,06 | 15,06 | Podentes                                | 13,00 | 13,00 | 17,50 | 18,20 |
| Tojeira                                 | 8,43  | 8,43  | 15,08 | 15,03 | Ponte do Espinhal                       | 13,10 | 13,10 | 18,20 | 18,30 |
| Ponte do Espinhal                       | 9,10  | 9,10  | 15,35 | 15,35 | Tojeira                                 | 13,37 | 13,37 | 18,30 | 18,57 |
| Podentes                                | 9,20  | 9,20  | 15,45 | 15,45 | Avelar                                  | 13,39 | 13,40 | 18,57 | 19,00 |
| Portela do Gato                         | 9,50  | 9,50  | 16,15 | 16,15 | Tojeira                                 | 13,42 | 13,42 | 18,59 | 19,02 |
| Coimbra (Estação Nova)                  | 10,10 | 10,15 | 16,85 | 16,35 | Pontão                                  | 13,45 | 13,45 | 19,02 | 19,10 |
| Coimbra (R. da Sofia, 102)              | 10,20 | —     | 16,40 | —     | Figueiró dos Vinhos (Praça José Malhoa) | —     | —     | —     | 19,05 |
|   |       |       |       |       |   |       |       |       | 19,45 |

- A) — Efectuam-se diariamente excepto aos domingos de 1 de Julho a 30 de Setembro às 3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sábados de 1 de Outubro a 30 de Junho.  
B) — Efectuam-se às 3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sábados e ao dia 23 de cada mês. Se este dia coincidir com o domingo a carreira efectuar-se-á no dia anterior.  
C) — Efectuam-se diariamente excepto aos domingos de 1 de Julho a 30 de Setembro e às 2.<sup>as</sup>, 4.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup> feiras de 1 de Outubro a 30 de Junho.

## Aos nossos prezados assinantes

Puzemos há dias em cobrança alguns recibos referentes à série desde o n.º 692 a 716.

Esta série que diz respeito aos jornais expedidos desde Junho de 1947 a igual mês de 1948, encontrava-se em atraso para alguns dos nossos assinantes.

Como todos sabem o seu pagamento é adiantado.

Mesmo assim, verificámos com bastante desgosto que alguns dos dos nossos assinantes, embora poucos, deixaram devolver os recibos enviados sem efectuarem, portanto, o seu pagamento.

Ninguém ignora que tal facto nos acarreta grandes despesas ao mesmo tempo que torna mais onerosa a assinatura deste jornal.

Assim, vimos lembrar aos nossos estimados assinantes que podem fazer ainda o pagamento das suas assinaturas (desde o n.º 716 a 740), por qualquer forma que mais convenha até 15 deste mês.

Para os que o não fizeram, enviaremos recibos à cobrança com o acréscimo de 3\$60.

Lembramos ainda que esses recibos se encontram nas estações postais, apenas durante 5 dias.

Antecipadamente agradece  
A Administração

## Lanifícios de Portugal, Limitada

Por escritura de 12 de Janeiro corrente, lavrada nas notas deste cartório, Manuel Pedro Godinho e Cunha apartou-se desta sociedade, renunciou à gerência, e cedeu a sua cota a D. Maria Assunção Nunes Denis de Carvalho.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1949.

O Ajudante do notário dr. Caetano Nunes  
Fernando Soares Carinhos

## Agradecimento

José Henriques Júnior, guarda rios, residente em Vila Facaia, vem por este meio manifestar publicamente o seu mais penhorante agradecimento para com os srs. José Carvalho e Manuel Manteigas, respectivamente motorista e ajudante da carreira de camionagem de Adelino Pereira Marques, pois tendo estes srs. achado um relógio de bolso que o declarante havia perdido ao viajar naquela carreira o mesmo lhe foi entregue espontânea e prontamente.

## CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.<sup>da</sup>

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 42

|                     | Cheg. | Part. |                     | Cheg. | Part. |
|---------------------|-------|-------|---------------------|-------|-------|
| BOLO                | —     | 6,00  | LISBOA              | —     | 9,00  |
| Castanheira de Pera | 6,20  | 6,15  | Sacavém             | 9,25  | 9,25  |
| Figueiró dos Vinhos | 6,55  | 7,05  | Vila Franca de Xira | 10,05 | 10,10 |
| Pontão              | 7,40  | 7,45  | Carregado           | 10,36 | 10,25 |
| Cabaços             | 8,10  | 8,15  | Asambuja            | 10,45 | 10,45 |
| Tomar               | 9,05  | 9,20  | Cartaxo             | 11,10 | 11,15 |
| Entroncamento       | 10,00 | 10,05 | Santarém            | 11,45 | 12,05 |
| Torres Novas        | 10,20 | 10,25 | Pernes              | 12,45 | 12,45 |
| Pernes              | 11,00 | 11,00 | Torres Novas        | 13,20 | 13,25 |
| Santarém            | 11,40 | 12,00 | Entroncamento       | 13,40 | 13,40 |
| Cartaxo             | 12,30 | 12,35 | Tomar               | 14,20 | 14,30 |
| Asambuja            | 13,00 | 13,00 | Cabaços             | 15,20 | 15,25 |
| Carregado           | 13,20 | 13,20 | Pontão              | 15,50 | 15,55 |
| Vila Franca de Xira | 13,35 | 13,40 | Figueiró dos Vinhos | 16,30 | 16,40 |
| Sacavém             | 14,20 | 14,20 | Castanheira de Pera | 17,20 | 17,25 |
| LISBOA              | 14,45 | —     | BOLO                | 17,35 | —     |

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

## Carreira entre Bolo e Coentral

|          | Cheg. | Part. |          | Cheg. | Part. |
|----------|-------|-------|----------|-------|-------|
| Coentral | —     | 5,40  | Bolo     | —     | 17,50 |
| Bolo     | 5,55  | —     | Coentral | 18,05 | —     |

Efectua-se às sextas feiras

Efectua-se às quintas feiras

Garagem em Lisboa—Auto Liz—Rua da Palma N.º263—Tel. 21363

Se V. Ex.<sup>a</sup> pretende comprar um bom relógio e dos mais recentes modelos com garantia, ou se o que V. Ex.<sup>a</sup> já possui seja concertado com absoluta precisão, visite a partir de 8 de Janeiro de 1949.

Relojoaria Diamante  
Praça do Brasil  
Figueiró dos Vinhos

Domingos Duarte  
Médico Municipal  
Subdelegado de Saúde  
Figueiró dos Vinhos

## Baptizado

Na Igreja Paroquial desta Vila realizou-se, no passado dia 23, o baptizado do extremoso filhito do nosso amigo e assinante sr. Alvaro Lopes da Silva e de sua esposa, sr.<sup>a</sup> Assunção da Jesus Henriques Lucina, de Carapinhal,  
Foram padrinhos os srs. José Quaresma de Abreu Avelar e sua esposa D. Maria Helena Abreu Avelar, desta vila.

## Racionamento em Fevereiro

As capitações do racionamento em vigor no concelho de Figueiró dos Vinhos, relativamente ao mês de Fevereiro de 1949 são as seguintes.

Açúcar...400 gramas  
Arroz...250  
Sabão...250

## Quirino Sampaio

Médico especialista  
Doenças da boca e dentes,  
Prótese dentária  
Consultas às sextas feiras das 10 às 15 horas na Praça José Malhóa Figueiró dos Vinhos

Vendem-se Mobílias de quarto e de sala de jantar completas e em bom estado.  
Tratar com Carlos Santos Figueiró dos Vinhos.

## Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Delegação da Procuradoria da República na Comarca de Figueiró dos Vinhos.

Pelo presente se faz saber, notificando o denunciante António da Conceição Morais, residente em parte incerta de Lisboa e com o seu último domicílio em Marinha, freguesia da Graça, desta comarca, de que por despacho de 14 do corrente, proferido nos autos de corpo de delito que participou contra Manuel Martins, residente no mesmo lugar, foi ordenado que aqueles autos aguardassem melhor prova.

Figueiró dos Vinhos, 17 de Janeiro de 1949.

O Delegado do Procurador da República  
Dr. António Augusto Tavares de Almeida  
O funcionário,  
José Henriques David



# CAMPELO...

## II — A SUA ORIGEM

Quanto aqui possamos dizer, acerca da origem de Campelo, não tem apoio histórico e apenas assenta na tradição oral. No entanto, tudo tem a sua história, ainda humilde que seja, e, quando muito, o que pode suceder é ela não ser conhecida, por nunca se ter feito qualquer investigação nesse sentido.

Campelo também deve ter a sua lenda, mais ou menos feita ao sabor do tempo. A sua fundação data de tempos longínquos que, à falta de elementos concretos, não podemos localizar nesta ou naquela época, visto nem sequer existirem vestígios dos seus primeiros povoadores ou, pelo menos, não serem até agora lá conhecidos. Mas, de tal precariedade de informações, não se pode, de modo algum, inferir que Campelo não tem história, e nós, enveredando por um sentimento de dedicação à nossa terra natal, vamos até o ponto de apresentar aqui certa ideia à volta das causas que teriam levado os primeiros habitantes à região, dando origem a algumas povoações naquelas redondezas, pois que a falta de vestígios se deve talvez aos factos históricos que para lá precipitaram os seus primitivos povoadores e, também, às acidentadas encostas, dois factores que teriam impedido, fortemente, o transporte de materiais resistentes ao tempo e, portanto, capazes de recordar e documentar, durante séculos, a presença humana havida naquelas paragens. A importância de Campelo, ainda reconhecida em relação às outras povoações da mesma freguesia, ter-lhe-ia advindo da abundância de água e de terrenos cultiváveis existentes naquela área, elementos estes que motivaram, sem dúvida, a fixação dos seus primeiros habitantes, os quais teriam desido ao longo da Ribeira de Alge.

Não desprezamos, mas antes defendemos, tal hipótese. Em nossa desprezenciosa opinião, teriam sido, efectivamente, aqueles recursos naturais que provocaram o nascimento de Campelo, localidade esta de fundação possivelmente posterior a outras circunvizinhas da mesma freguesia.

Desarte, a origem da nossa terra natal dataria de tempos distantes, não havendo vestígios dessa época devido às causas já antes enunciadas—factos históricos e acidentadas encostas. Com efeito, os primeiros habitantes, vindos das bandas da Louzã, em consequência de combates travados com outras tribus ou porque a isso os impelisse a necessidade de encontrar novos locais propícios à sua sobrevivência, teriam procurado refúgio nas vertentes da serra do mesmo nome e, então, descendo ao vale, atingido a Ribeira de Alge e nela encontrado o elemento indispensável a vida, abrigados ainda pelos contrafortes das serras que lá se ostentam como muralhas; assim, duplamente pro-

tegidos, encontraram local onde a vida pôde continuar. Como onde há água há vida, por ali se devem ter demorado e construído as primeiras habitações; com o andar dos tempos, é possível que o terreno por eles inicialmente desbravado se fosse tornando demasiado pequeno, por não produzir já, em quantidade suficiente, os produtos bastantes para a sua manutenção, o que os levaria a deslocarem-se de quando em quando. Acreditamos, pois, que tais motivos os levariam a ensaiar lenta descida ao longo daquela ribeira, no sentido da corrente, procurando alargar as faixas marginaes, tendo, durante o percurso, fundado povoações onde viam ser possível a continuação da vida pela aquisição de novos terrenos, e, dessa forma, teriam aportado a Campelo, onde encontraram terras aráveis que asseguravam rápido desenvolvimento agrícola, facilitando a tarefa da sua fixação naquele local.

Assim parece ter acontecido, visto que em Campelo, mais que em qualquer outra parte da freguesia, a terra arável é em maior extensão, sendo ainda fertilizada pelas ribeiras e riachos que descem das encostas.

E' de presumir que a palavra Campelo tenha a sua origem precisamente na alusão a um maior terreno cultivado, e importa notar que, segundo algumas opiniões, ela teria derivado da palavra latina campillum (campo pequeno), que por corrupção teria dado Campelo parecendo ligada esta ideia à existência de um terreno que os primeiros habitantes teriam agricultado, e que seria o, actualmente, chamado «Pedragal». Não é desafortunada de todo aquela ideia de campo pequeno, que teria dado Campelo, e consequentemente, o nome à povoação. Porém as muitas localidades que com o mesmo nome, existem no País—vinte e uma, só duas delas sendo sede de freguesia—levam-nos a duvidar de tal hipótese, pois a palavra «pedragal» deve ter derivado de «Nossa Senhora do Pedrogal», que, em tempos remotos, tivera seu templo na região de Viseu...

## Cinemas!... Cinemas!...

Uma estatística elaborada em 1936 mostrou que em 400 películas examinadas se contaram:

- 310 exemplos de assassinio.
  - 104 exemplos de roubos à mão armada.
  - 74 exemplos de delitos de chantagem.
  - 34 exemplos de incêndios voluntários.
  - 624 casos de malandragem.
  - 184 casos de testemunhos falsos.
  - 165 exemplos de roubos.
  - 54 desvios de menores.
  - 192 casos de adultério feminino.
  - 213 casos de adultério masculino.
- Ou sejam 1993 crimes ou delitos contribuindo para perverter, desanimar, paralisar o equilíbrio moral das jovens consciências.

## Bodas de Ouro

Foi em 1899 e a 31 de Janeiro. Completaram-se ontem 50 anos. Naquela manhã um par alegre e feliz subiu de alma em extase, coração pulsando forte, a colina que leva à capelinha da Senhora dos Remédios.

Era o nosso amigo, José Gomes da Costa e a que ia ser sua noiva, Amélia da Conceição.

\*Uma lágrima... Um beijo... Uns sinos a tocar...

Um parzinho que ajoelha e que vai casar.

Tão simples tudo!

Cincoenta anos se passaram.

Seus filhos, bons filhos e bons amigos, almejavam este dia para o passarem junto de seus pais. Na capelinha houve Missa em Acção de Graças. E ontem, ali na vivenda de sua casa do Chavelho o nosso amigo José Gomes e sua esposa, sentiram ao verem a alegria dos seus queridos filhos, nora, genro e netos que todos filhos são, um dos dias mais felizes da sua vida.

E no meio da sua satisfação eles, os homenageados, podiam bem dizer um para o outro, como a canção brasileira:

«Não te lembras da casinha pequenina Onde o nosso amor nasceu?»

Festa íntima é certo, ali estiveram os ex.<sup>mos</sup> srs. José Pedro dos Santos, Esposa e Filhas, Gustavo Coelho Godet e Esposa, Anibal da Silveira Herdade, Esposa e Filhas, Padre António Inglez, José Gomes e Manuel Gomes, etc. etc.

## NOTÍCIAS DE CAMPELO

No dia 2 de Janeiro celebrou-se na Capela de Alge o casamento do sr. Carlos da Silva Nunes com a menina Zaida Henriques dos Santos. Foram padrinhos os srs. José Simões dos Santos e Mário Henriques dos Santos, motorista do sr. Ministro da Educação Nacional.

—Também no dia 12 de Janeiro se realizou, na Capela do Fontão Fundeiro, o casamento do sr. Vitorino da Piedade Lourenço com a menina Arminda da Silva Pereira. Durante o banquete, que foi servido em casa da noiva, fizeram-se alguns brindes em que se enalteceram as belas qualidades dos noivos e em que se formularam os melhores votos pelas suas prosperidades.

A todos desejamos as melhores bênçãos de Deus.

—No dia 15 do p. passado faleceu nos Trespostos o sr. José Martinho, tio do saudoso dr. José Martinho Simões. O extinto que contava 86 anos de idade teve um funeral muito concorrido e foi sempre muito estimado e considerado nesta freguesia.

—Trabalha-se activamente na ampliação e restauração do cemitério local.

—No Campelinho tem estado gravemente doente o sr. João António dos Santos, pai do distinto inspector de finanças, sr. Manuel António dos Santos.

—A escola do Fontão foi reduzida a Posto de Ensino, por falta de frequência.

—Há nesta freguesia o maior entusiasmo pela reeleição do Senhor Marechal Carmona para Presidente da República.

C.

## DAQUEM TREVIM

Por nos ter chegado tarde o seu original, não nos foi possível dar-lhe publicidade. As nossas desculpas.

# A ONDA...

Envolta em crepes a Onda curva-se reverente perante a já longa lista, inserta nos últimos números da Regeneração, dos fundadores e dedicados colaboradores deste jornal que a Parca arrebatou e conduziu ao Além desconhecido. Do que o país e principalmente Figueiró dos Vinhos lhes ficou devendo muito se tem falado e são bem patentes os padrões que ficaram a atestar a sua curta passagem por este Mundo. Que sirvam de incentivo aos seus sucessores o bem que fizeram e o progresso que imprimiram à linda terra que a alguns foi berço e a outros abrigo hospitaleiro, no que ela é sumamente fidalga.

—Nas suas divagações mundiais a Onda pouco ou nada encontra de tranquilizador, muito embora a imprensa, em grandes normandos faça afirmações de que estamos em Paz e haja organizações várias para a manter, isso não passa de meras mistificações, pois na China, na Grécia, na Terra Santa e em muitas outras, combate-se furiosamente e as baixas são aos milhares. Por muito que pese dos condutores dos povos e da O. N. U., a Humanidade está ineludivelmente dividida em duas grandes facções: — a dos sovietes e a dos que não seguem o seu credo. Pretende aquela, e isso é bem visível, subjugar esta de maneira subtil, da forma a que ela só dê por isso quando já não possa desembencilhar-se. Apraz-nos acreditar que isso se não dê, por que a vigilância parece ser acertada, embora menos feroz. Não obstante fala-se em guerra com mais insistência de que em 1938-1939. A vida encareceu muito e tornou-se mais, muito mais difícil do que no tempo da Guerra Mundial. As pobres donas de casa veem-se e desejam se para manter o equilíbrio orgânico. E apesar de toda a ginástica, quase sempre dá déficit. E' uma tragédia. Não há dinheiro que chegue! Nem admira, por isso, que os jornais noticiem constantemente desfalques e mais desfalques, à mistura com roubos andacícios e assaltos rocambolescos. Parece ressuscitada a época de João Brandão, José do Telhado e de tantos outros que a tradição mantém na mente popular.

—Estamos em plena luta eleito-

## Do Governo Civil de Leiria

Recebemos as duas seguintes notas à imprensa

## Protesto das Mulheres Portuguesas

As mulheres católicas do Distrito de Leiria em sinal de protesto contra as afirmações produzidas por uma oradora num comício de Lisboa, e consideradas ofensivas para a consciência católica das mulheres portuguesas, entregaram uma mensagem no próximo dia 23, pelas 11 horas.

Estão organizadas comissões de senhoras em todos os concelhos.

— No dia 19 foram inauguradas pelo sr. Governador Civil de Leiria os novos edifícios escolares de Évora de Alcobaga, e Arieiro, no concelho de Alcobaga.

No dia 22 o mesmo magistrado inaugurou a Estrada Municipal de Santa Catarina à Quinta da Ferraria, no concelho de Caldas da Rainha. Ainda neste dia realizou-se uma sessão de propaganda da União Nacional em O'bdos, sob a presidência do sr. Governador Civil e sendo oradores os Deputados srs. drs. Manuel R. Ferreira, presidente da Comissão Distrital da União Nacional, Magalhães Pessoa, presidente da Câmara de Leiria, e Figueiroa Rego, Inspector de Sanidade Pecuária, e ainda o sr. dr. João Lourenço, vice-presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

No dia 23 foi inaugurado na Marinha Grande um bairro para as classes pobres, acto a que presidiu o sr. Ministro do Interior.

ral que, no critério da Onda, era perfeitamente dispensável e não dava lugar a disputérios que não dignificam os portugueses e nos envergonham perante o estrangeiro. Embora a nossa reputação seja boa, da cántina sempre alguma coisa fica.

O Estado Novo não carece de propaganda, tanto dentro como fora do País. Bem patentes estão os esforços salvadores dispendidos.

O estado velho também não precisa mentir mais para convencer o público de quanto é capaz. Pelos antecedentes se tiram os consequentes. E' tempo mal empregado, pois, o que se está a perder e... as pérolas gastas!

## Fátima

Sagrado altar da Cova da Iria De pegureiros terra abençoada! Milagres dessa Mãe tão desvelada, Rainha lá dos Céus—Virgem Maria!

A Teus Pés venho implorar Perdão, para a baba asquerosa Que desvirad, e expliram à Mística Rosa Mas que no rosto seu ficou a pairar!

Mãe Santíssima perdoadi! Convertei os grandes pecadores Inconscientes de que fazem mal

A Vós, a Vosso Filho e Pai! Agravando muito Vossas Dores E causando repulsa a Portugal!

Ulyses Júnior

## Aniversários

Fazem anos na presente quinzena os nossos conterrâneos:

Em 2 — O sr. dr. Domingos Duarte, distinto médico e subdelegado de Saúde, nesta vila.

— Acácio de Almeida Santos, ajudante de farmácia nesta vila;

— Menina Elite José Herdade Santos, filha do sr. José Pedro dos Santos, conceituado comerciante da nossa praça;

Em 3 — Menina Marília do Luz Cardoso Furtado;

Em 4 — Vitor do Carmo Correia, viajante da conceituado firma F. R. Ferreira, L.da, desta vila;

— Menina Natalina Lacerda Santos, filha do nosso prezado assinante sr. Carlos dos Santos;

Em 5 — D. Maria Almerinda Paiva de Abreu, esposa do nosso prezado assinante sr. Serafim Simões Abreu.

— D. Maria Eulália Lacerda, esposa do nosso prezado assinante sr. José Ruivo da Costa;

— Menina Maria Tereza de Araujo Lacerda Morgado, extremosa filha do sr. dr. Joaquim Alves Tomaz Morgado;

Em 6 — Manuel Teixeira de Almeida, sócio da conceituada firma Barreiros & Almeida, L.da;

Em 7 — Marçal Manuel Pires Teixeira, nosso prezado assinante e colaborador, ausente em África;

Em 8 — António da Silva Martinho, ajudante de farmácia nesta vila;

Em 9 — Meninos João Zagart Nunes e Jorge Manuel de Sousa Rocha, filhos respectivamente dos srs. António Alves Nunes e João Godinho Rocha;

Em 10 — Dr. Jaime Alves Tomaz Agriaa, distinto médico em Areias;

Em 11 — José da Conceição Barreiros, estudante, desta vila.

— Menino Mário da Conceição Madeiros, filho do nosso empregado João Medeiros;

Em 14 — Dr. Amílcar Eugénio Ferreira da Costa Agria, brioso aluno da faculdade letras, de Coimbra.

— Menina Maria Inês da Costa Herdade, gentil filhinha do nosso prezado assinante sr. Anibal Silveira Herdade.

**Vendem-se** Um terreno ao Matadouro e propriedade á Santarém. Quem pretender dirija-se a João Godinho Rocha